



Esta obra é disponibilizada nos termos da Licença Creative Commons – Atribuição – Não Comercial – Compartilha igual 4.0 Internacional. É permitida a reprodução parcial ou total desta obra, desde que citada a fonte.

Esta obra pode ser acessada, na íntegra, na Biblioteca Virtual em Saúde Prevenção e Controle de Câncer (<http://controlecancer.bvs.br/>) e no Portal do INCA (<http://www.inca.gov.br>).

Tiragem: eletrônica

Elaboração, distribuição e informações

MINISTÉRIO DA SAÚDE
INSTITUTO NACIONAL DE CÂNCER (INCA)
Coordenação de Ensino (Coens)
Núcleo de Educação a Distância (Nead)
Rua Marquês de Pombal, 125, Centro,
Rio de Janeiro – RJ
CEP 20230-240
Tel.: (21) 3207-5500
E-mail: nead.educacional@inca.gov.br
www.inca.gov.br

Organizadores

Danielle Cristina de Lima Alves
Odete Firmino Alhadas Salgado
Patrícia Fonseca dos Reis
Vanessa Barros da Silveira

Equipe de elaboração

Danielle Cristina de Lima Alves
Odete Firmino Alhadas Salgado
Vanessa Barros da Silveira

Colaboradores

Cláudio Sarmento Rodrigues
Márcio da Silva Camilo
Patrícia de Jesus Serpa Florêncio Aguiar
Rodrigo Félix da Silva
Victor Octávio Araújo Maia

Edição

COORDENAÇÃO DE ENSINO
Serviço de Educação e Informação Técnico-científica
Área de Edição e Produção de Materiais Técnico-
-científicos
Rua Marquês de Pombal, 125, Centro,
Rio de Janeiro – RJ
CEP 20230-240
Tel.: (21) 3207-5500

Edição e produção editorial

Christine Dieguez

Copidesque

Rita Rangel de S. Machado

Revisão

Débora de Castro Barros

Capa, projeto gráfico e diagramação

Mariana Fernandes Teles

Normalização e catalogação

COORDENAÇÃO DE ENSINO
Serviço de Educação e Informação Técnico-científica
Núcleo do Sistema Integrado de Bibliotecas

Normalização bibliográfica e ficha catalográfica

Juliana Moreira (CRB 7/7019)

I59p Instituto Nacional de Câncer (Brasil).
Pílulas do conhecimento pedagógico / Instituto Nacional de Câncer.
– Rio de Janeiro : INCA, 2023.

46 p.

ISBN 978-65-88517-19-2 (versão eletrônica)

1. Ensino. 2. Competência Profissional. 3. Materiais de Ensino.
4. Educação a Distância. I. Título.

CDD 371.33

Catálogo na fonte – Serviço de Educação e Informação Técnico-científica

Títulos para indexação

Em inglês: Pedagogical knowledge pills

Em espanhol: Píldoras de conocimiento pedagógico

APRESENTAÇÃO

O Instituto Nacional de Câncer (INCA) é amplamente conhecido pela prestação de serviço de assistência oncológica à população, mas, além das atividades assistenciais, apresenta grande destaque por sua atuação na pesquisa e no ensino com foco na prevenção e no controle do câncer. A Coordenação de Ensino (Coens) conta com o Núcleo de Educação a Distância (Nead), que é o setor responsável pelas ações de Educação a Distância (EAD) do INCA.

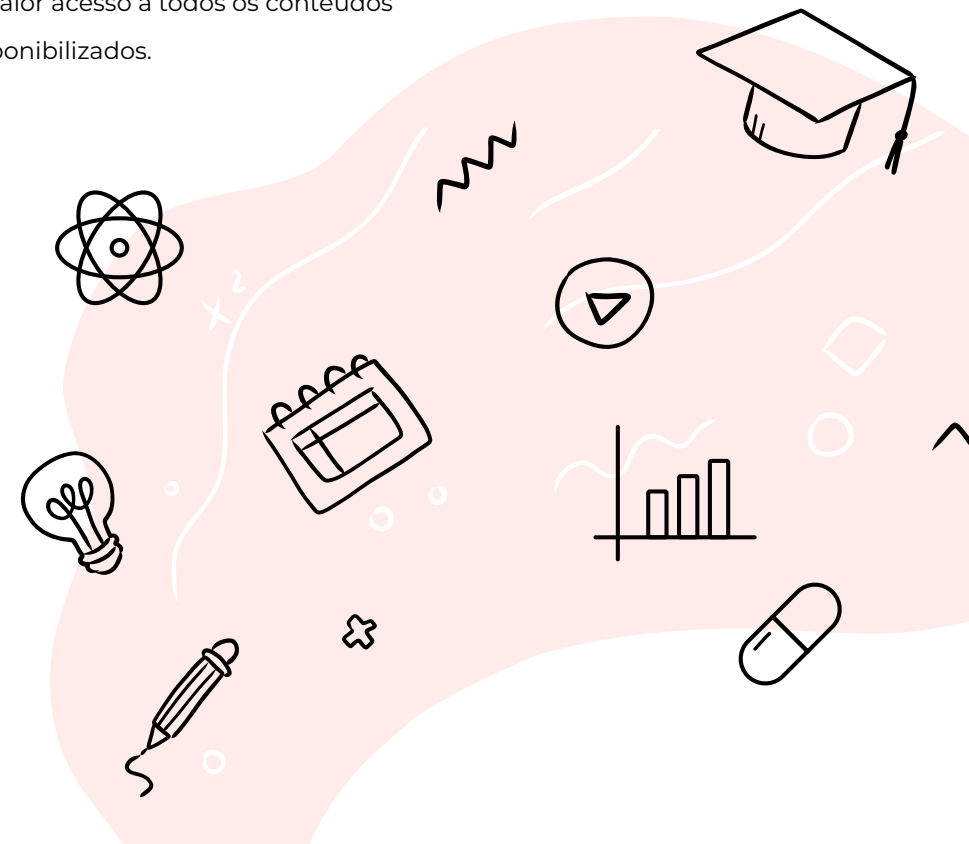
O Nead oferta diversos cursos de atualização para profissionais da área da saúde e áreas correlacionadas. Para que as ações educacionais na modalidade a distância tornem-se realidade, há um grande trabalho de planejamento, implementação, gestão e avaliação da educação mediada por tecnologias digitais de informação e comunicação. Esse trabalho envolve o desenvolvimento de competências necessárias aos profissionais do INCA para atuarem como conteudistas dos materiais didáticos e como docentes on-line dos cursos.

Durante o processo de capacitação, que é realizado por meio de oficinas periódicas, a equipe do Nead percebeu a necessidade de continuar a discussão sobre os métodos pedagógicos ativos de ensino e aprendizagem, planejamento e avaliação, assim como outros temas frequentes na prática educativa, mas que não são esgotados nos encontros das oficinas. Por isso, em 2021, o Nead ela-

borou um projeto de inovação pedagógica com foco na formação permanente do corpo de ensino do INCA. Assim nasceram as **Pílulas do conhecimento pedagógico**.

Neste primeiro volume da coleção *Pílulas do conhecimento pedagógico*, você encontrará a compilação das “doses” compartilhadas em seu primeiro ano. Esperamos que esta publicação possa fomentar ainda mais reflexões sobre o fazer docente em EAD e possibilitar um maior acesso a todos os conteúdos já disponibilizados.

Nead



SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	5
PÍLULA 1	
Objetivo Geral e Objetivos Específicos	6
PÍLULA 2	
Metodologia	7
PÍLULA 3	
Metodologias Ativas	9
PÍLULA 4	
Protagonismo do Aluno	10
PÍLULA 5	
Plano de Aula	11
PÍLULA 6	
Design Instrucional ou Desenhista Educacional	13
PÍLULA 7	
Instrumento Avaliativo	15
PÍLULA 8	
Avaliação da Aprendizagem	17
PÍLULA 9	
Conhecimentos, Habilidades e Atitudes	18
PÍLULA 10	
Andragogia	20

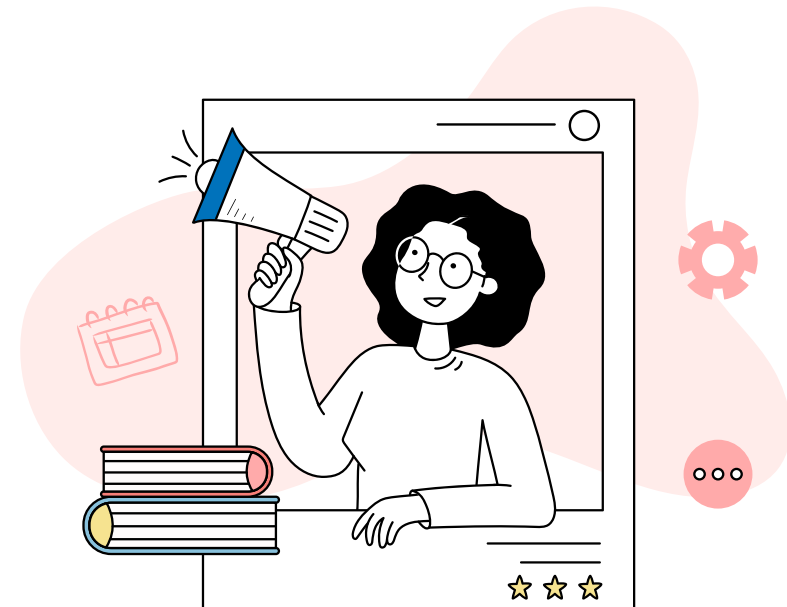
PÍLULA 11	
Estilos de Aprendizagem	23
PÍLULA 12	
Objetos de Aprendizagem	25
PÍLULA 13	
Como Escrever para Educação a Distância	27
PÍLULA 14	
Elaborando Atividades Objetivas	29
PÍLULA 15	
Elaborando Atividades Discursivas	32
PÍLULA 16	
Fórum de Discussão	34
PÍLULA 17	
Como Estimular a Criatividade	36
PÍLULA 18	
Educação a Distância ou Educação: Novas Formas de Ensinar e Aprender no Século XXI	39
CONSIDERAÇÕES FINAIS	42
REFERÊNCIAS	43

INTRODUÇÃO

O nome da ação educacional *Pílulas do conhecimento pedagógico* já indica sua ideia. As “pílulas” são conteúdos resumidos compartilhados ao longo do ano, com o propósito de construir os conhecimentos de forma contínua e em pequenas doses. As *Pílulas do conhecimento pedagógico* estão em consonância com o *Projeto político-pedagógico* do Instituto Nacional de Câncer (INCA) e estão vinculadas às estratégias de promoção da capacitação de profissionais, valorização do profissional do ensino e fortalecimento das atividades educacionais. O objetivo desta ação é estimular o pensamento sobre a prática pedagógica, a partir de metodologias ativas e de recursos didáticos diversos que coloquem o aluno como protagonista da sua aprendizagem.

Quando se fala em prática docente, muitas vezes ela é associada apenas aos limites da sala de aula. Contudo, o processo de ensino-aprendizagem também ocorre em outros espaços que vão muito além do cotidiano escolar. A construção do fazer docente pode se dar em diversos locais e tempos, o que é amplificado, atualmente, com a chegada da era digital. Por meio desses espaços virtuais, podem-se fornecer informações relevantes, incentivar a pesquisa, além de propiciar a interaprendizagem e a aprendizagem significativa.

A partir desse projeto de educação permanente com o corpo de ensino do INCA, espera-se que novas práticas de compartilhamento de pílulas do conhecimento sejam inspiradas. A ação aqui descrita pode ser apropriada e aplicada em diversas áreas. Ao ler cada tema, você poderá imaginar possibilidades de aplicar esses saberes à sua prática pedagógica e ao seu ambiente de trabalho.



OBJETIVO GERAL E OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Segundo os fundamentos pedagógicos da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), o foco do processo de ensino-aprendizagem está no desenvolvimento das competências, ou seja, no saber do aluno, considerando a constituição de conhecimentos, habilidades, atitudes e valores, e sobretudo do que devem saber fazer, como atitudes e valores para resolver problemas do cotidiano e do fazer profissional.

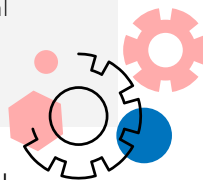
Inicie a escrita do conteúdo de seu curso traçando os objetivos gerais e específicos.

OBJETIVO GERAL

O objetivo geral pode ser entendido como as mudanças a serem observadas no aluno, ao finalizar o curso, em consonância com o ambiente de trabalho.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

São conhecimentos, habilidades e atitudes que devem ser adquiridos ao final da capacitação.



Na definição dos objetivos específicos, você irá aprofundar seu objetivo geral, detalhando as habilidades e as competências esperadas ao final do processo de aprendizagem.

Os objetivos específicos devem:

- Representar comportamentos passíveis de observação, isto é, devem ser focados no aluno, e não no professor.
- Ser compostos por verbo no infinitivo (passível de observação) mais objeto de ação mais critério e/ou condição.

Observe alguns exemplos de verbos que podem ser utilizados na redação dos objetivos:

Analisar, aplicar, apontar, apresentar, avaliar, buscar, classificar, comparar, desenvolver, empregar, escolher.

Ao elencar os objetivos no planejamento, imediatamente define-se um fio condutor, o que permite avaliar permanentemente, apreciar os resultados e centrar-se na pessoa a capacitar.

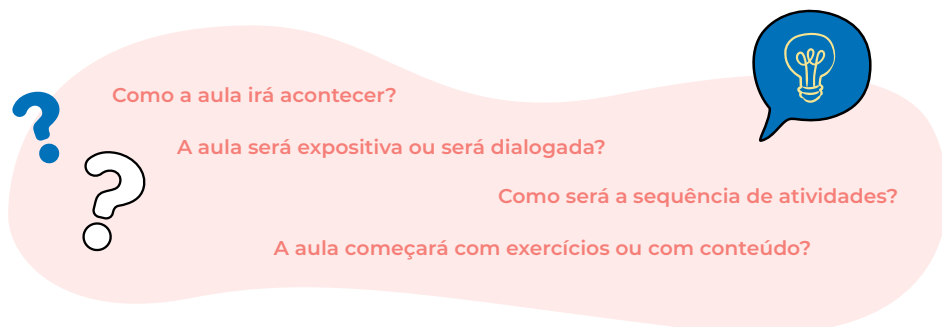
Por fim, é importante sempre lembrar que:

"Ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam a si, mediatizados pelo mundo." (FREIRE, 1987, p. 79).

METODOLOGIA

Quando se fala em metodologia, em resumo, reflete-se sobre o conjunto de métodos que você utilizará para ajudar o seu aluno a ter sucesso no processo de ensino-aprendizagem.

Há uma série de perguntas que devem ser feitas ao planejar uma aula. As respostas podem ajudar a definir quais métodos serão utilizados:



Mas o que é método?

Método é o conjunto de ações para alcançar determinado fim ou a condição fornecida para chegar a um respectivo conhecimento. Então, no seu planejamento educacional (plano de aula ou plano de curso), você deverá informar o conjunto de métodos utilizados para mediar o discente na construção do conhecimento.

Como exemplo do que é método, convido você a recordar a sua própria trajetória educacional. Lembra que tínhamos a figura do professor como o detentor de todo o conhecimento? Lembra como eram as nossas aulas, na maioria das vezes expositivas? Sim, estávamos estudando com base no **método tradicional**.

As metodologias de ensino têm o papel de informar ao aluno os caminhos utilizados para alcançar o objetivo principal, a aprendizagem. Atualmente, novas metodologias vêm surgindo com a promessa de tornar o aluno ativo em seu processo de ensino-aprendizagem e, conseqüentemente, mais preparado para o mercado.

Na educação a distância (EAD) do INCA, trabalha-se com as **metodologias ativas**, pois elas apresentam, como premissa básica, o estudante ativo em seu processo de ensino-aprendizagem e propõem recursos que o instiguem para a ação.



PÍLULA 2

Quer um *spoiler* de um texto a ser inserido como metodologia?

O curso será desenvolvido totalmente no ambiente virtual de aprendizagem (AVA) através de uma abordagem pautada no aluno como construtor do processo de ensino-aprendizagem. Serão utilizados os seguintes recursos: textos, vídeos, videoaula, fóruns (apresentação, discussão e dúvidas), atividades individuais e/ou em grupo, atividades práticas, biblioteca, glossário e material complementar.

Clique aqui para saber mais sobre:

[Novas metodologias de ensino](#)

Na próxima *Pílula do conhecimento pedagógico*, será trabalhada, de forma mais mais aprofundada, a importância das metodologias ativas para o desenvolvimento dos alunos.

METODOLOGIAS ATIVAS

Em linhas gerais, as metodologias ativas formam um conjunto de métodos que proporcionam a autonomia do aluno no seu processo de ensino-aprendizagem, ou seja, o professor passa a não ser mais o detentor de todo o conhecimento e assume uma posição de mediador e facilitador da aprendizagem.

As metodologias ativas preparam melhor para o mercado profissional, uma vez que:

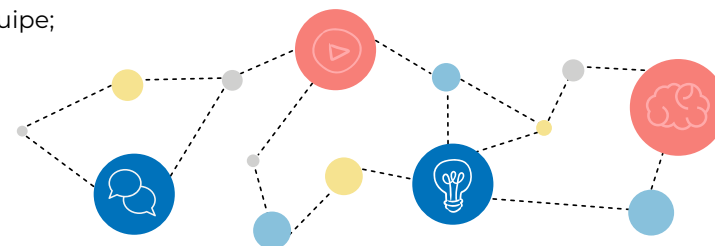
- Trabalham com problemas do dia a dia.
- Entendem que a experiência prévia do aluno faz parte de seu processo de conhecimento.
- Instigam à resolução de problemas.

Segundo o autor e pesquisador José Moran (2015 *apud* UNIVERSIA, 2020, on-line):

Os alunos de hoje precisam ser estimulados a se envolver em atividades complexas, a tomar decisões, experimentar possibilidades, mostrar iniciativa e analisar resultados, para se desenvolverem como indivíduos proativos, críticos e criativos.

As metodologias ativas são constituídas pelos seguintes princípios:

- aluno como centro do processo de ensino-aprendizagem;
- professor como mediador e facilitador do processo de ensino-aprendizagem;
- problematização da realidade;
- trabalho em equipe;
- autonomia;
- inovação.



A seguir, você poderá descobrir mais sobre alguns exemplos de metodologias ativas e o quanto elas podem contribuir para sua prática na docência on-line.

Para saber mais sobre Sala de Aula Invertida, [clique aqui](#)

Para saber mais sobre Aprendizagem Baseada em Problemas, [clique aqui](#)

Para saber mais sobre Aprendizagem em Pares (*Peer Instruction*), [clique aqui](#)

Para saber mais sobre Aprendizagem Baseada em Projetos (ABP), [clique aqui](#)

Para saber como as metodologias ativas favorecem o aprendizado, [clique aqui](#)

PROTAGONISMO DO ALUNO

Você já deve ter ouvido falar sobre a ideia do aluno como protagonista em seu processo de ensino-aprendizagem, da importância da autonomia na construção de conhecimento, entre outros aspectos educacionais que colocam o discente como centro de discussões educacionais.

Que tal refletir mais um pouco sobre o assunto?

Há tempos a área de educação instiga a entender que, ao proporcionar autonomia para o aluno, automaticamente se colabora para a inserção de um profissional mais capacitado no mercado de trabalho. E por quê?

Porque, ao instigar a busca de conhecimento, o pensamento crítico, a resolução de problemas e o desejo por mais informação, forma-se um profissional apto

a lidar com as situações que irão surgir em seu cotidiano profissional, ou seja, o aluno aprende fazendo e, assim, experimenta a prática profissional.

O protagonismo do aluno, em resumo, é a capacidade de o estudante ser o autor principal das diversas trilhas de aprendizagem que irão surgir ao longo de sua caminhada



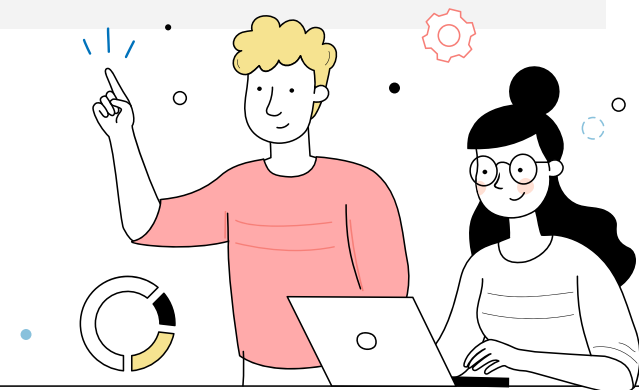
educacional; é exercer a curiosidade do novo, a motivação interna e não mais esperar por uma única figura detentora de conhecimento, o professor.

A construção do conhecimento é colaborativa. Dessa forma, a experiência prévia do aluno é muito importante para seu processo de ensino-aprendizagem.

O professor assume o lugar de mediador do conhecimento. Ele é aquele que, com toda a sua experiência e conhecimento técnico, facilita a construção da aprendizagem e retorna para o aluno com cada vez mais recursos que o torne inquieto em seu processo, ou seja, forma um cidadão motivado e mais seguro ao exercer a tão sonhada prática profissional.

**Para saber mais,
clique aqui:**

*Professor-curador:
o percurso de
aprendizagem ativa e o
planejamento reverso*



PLANO DE AULA

Para começar, o que significa planejar?

Planejar é se antecipar. É definir, em um mapa, aonde você quer chegar. É traçar o caminho e as estratégias que devem ser seguidas, para, assim, alcançar o objetivo esperado. Planejar significa definir metas, estabelecer o que é prioridade e a ordem de execução de cada atividade.

Um bom planejamento gera otimização de tempo e, consequentemente, uma gestão eficaz. Permite mais produtividade, lembrando-se de que produtividade não é ser um multitarefa, mas, sim, analisar o grau de importância da atividade para inseri-la no seu planejamento.



O que é o plano de aula?

O plano de aula seria um detalhamento do plano de curso? Sim.

Com o plano de curso, tem-se um documento macro, no qual se explica a justificativa do curso e descreve os objetivos gerais e os objetivos específicos. O plano de curso ajudará a produzir o plano de aula, também chamado de *template* de aula. No plano de aula, você irá aprofundar e detalhar o conteúdo a ser mediado no AVA.

AFINAL, O QUE DEVE SER EXPLICADO NO PLANO DE AULA?

No plano (ou *template*) de aula, é necessário inserir, principalmente:

- um resumo da aula: apresentação;
- os objetivos: aqui vale lembrar que já existem os objetivos específicos para cada unidade de aprendizagem; você pode repeti-los e/ou detalhá-los ainda mais;
- o texto-base: esse é o momento de explanação da aula por meio do texto, das imagens, dos gráficos, das atividades, dos vídeos etc., ou seja, a aula propriamente dita.

Um planejamento eficaz inicia de forma macro. Planejam-se as maiores metas e, a partir daí, elas são “quebradas” em micrometas. Em resumo, inicia-se com o plano de curso e parte-se dele para chegar ao plano de aula.

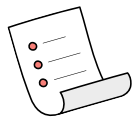
O planejamento de ensino tem a finalidade de ser o fio condutor durante o processo de ensino-aprendizagem, fazendo com que o facilitador mantenha o foco e gereencie melhor o tempo destinado a cada atividade.

PÍLULA 5

A seguir, veja cinco dicas para elaborar o seu plano de aula:



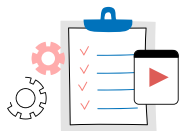
Saiba quem é o seu aluno. Lembre-se de que, no plano de curso, você tem a indicação do público-alvo.



Defina o tema e os objetivos. Os objetivos específicos da unidade de aprendizagem também estão informados no plano de curso; você poderá detalhá-los e/ou utilizar os já citados.



Trabalhe bem o conteúdo. Após definir os objetivos da aula, é preciso organizar o que será discutido.



Defina a sua estratégia. Lembre-se dos recursos pedagógicos que podem ser utilizados para melhorar a mediação do processo de ensino-aprendizagem.



Seja flexível. Existem diferentes perfis de alunos. Ser flexível permite um olhar mais empático e a adequação de suas estratégias de ensino, caso seja necessário.

Para saber mais, clique e leia o texto:

[Uma reflexão sobre os materiais didáticos para EAD](#)

DESIGN INSTRUCIONAL OU DESENHISTA EDUCACIONAL

A palavra “instrucional” pode gerar bastante confusão. O que instrução tem a ver com as concepções inovadoras de educação, como a área de estudos das metodologias ativas, que já foram discutidas por aqui?

Por outro lado, a palavra “*design*” também remete diretamente a outro profissional, o *designer* gráfico ou *web designer*, cujo trabalho está muito mais conectado à parte gráfica ou visual.

Uma forma de clarear esse conceito é pensar em desenho educacional ou desenho didático. Em geral, desenhar um curso é pensar na utilização de um conjunto de métodos e recursos com o objetivo de aprimorar o processo de ensino-aprendizagem e melhorar a experiência de aprendizagem por parte de alunos e usuários. O principal objetivo é articular informações e recursos de modo a transformar um conteúdo bruto em algo mais atrativo.



Imagine só se você recebesse essas pequenas pílulas como um texto puro, sem qualquer recurso visual, sem tratamento de linguagem? Ou se fosse enviado apenas um artigo científico sobre o assunto que se deseja abordar? Essa leitura não ficaria assim tão interessante, não é mesmo?

E quem realiza o desenho do curso é o *designer* instrucional, ou seja, o desenhista educacional.

Para saber mais, assista ao vídeo:

Modelos em EAD: design educacional

Assista também ao vídeo:

A importância do design instrucional na aprendizagem

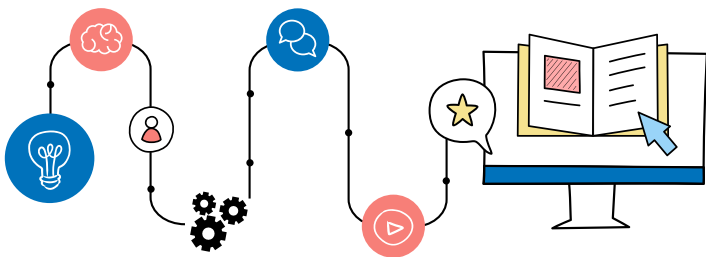
Que tal entender um pouco mais os objetivos do desenho didático?

Por meio da análise do público-alvo, o desenho didático busca o envolvimento e o engajamento do aluno, pensando em conteúdos que promovam interação. Seu objetivo é também ajudar o aluno na construção de conhecimento. O desenhista educacional trabalha o material bruto, lapidando-o para que ele se torne mais didático e interativo.

PÍLULA 6

O material didático, nesse sentido, é o meio pelo qual o aluno terá acesso ao conteúdo que se quer informar. Sendo assim, o material didático precisa ajudar o aluno a alcançar os objetivos determinados no início do planejamento da nossa ação educacional.

O conteúdo oferecido é uma trilha que deve ser percorrida pelo aluno para aquisição de novas competências. O desenhista educacional vai ajudar a preparar o caminho. Ele ajuda a comunicar mensagens de forma eficiente. O papel da linguagem é fundamental para o bom andamento de um curso na modalidade de EAD. Sempre se busca uma linguagem que dialogue com o aluno e que não o deixe sozinho.



É importante, além disso, ter em mente que o texto claro e objetivo facilita todo o processo. Busca-se evitar que o aluno fique perdido e sinta-se desmotivado para continuar o curso. Por fim, o desenhista educacional é o elo entre as diversas áreas envolvidas na construção de um curso na modalidade EAD (conteudistas, *designer* gráfico, profissional de tecnologia da informação, área pedagógica, docentes on-line).

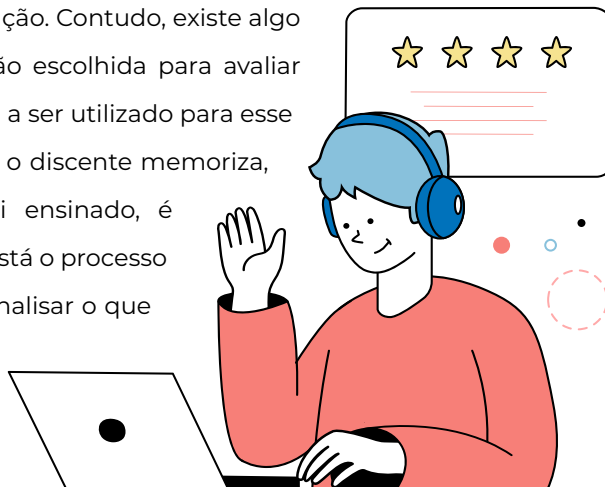
INSTRUMENTO AVALIATIVO

Você sabe o que é um instrumento avaliativo?

Em linhas gerais, instrumentos avaliativos são recursos didáticos utilizados para avaliar a aprendizagem do aluno em um processo de construção contínua. Esses instrumentos podem ser, por exemplo, prova, seminário, portfólio, pesquisa, estudo de caso, entre outros.

Vamos aprofundar nossa reflexão?

Quando se discute sobre avaliação, muitos são os caminhos ou técnicas a serem utilizadas para a referida ação. Contudo, existe algo mais importante do que a opção escolhida para avaliar seu aluno, ou seja, o instrumento a ser utilizado para esse fim. Muito além de mensurar se o discente memoriza, compreende, repete o que foi ensinado, é necessário compreender como está o processo de ensino-aprendizagem dele, analisar o que foi apreendido e o que ainda necessita de um novo olhar por parte do docente.



Dessa forma, o instrumento avaliativo é um mecanismo de avaliação tanto para o docente quanto para o aluno, que, ao receber o *feedback*, terá a oportunidade de realizar a autoavaliação e buscar novos caminhos de aprendizagem.

Nas suas avaliações, você poderá utilizar a modalidade de prova de múltipla escolha, ou ter como instrumento de avaliação:

- uma discussão realizada em um fórum;
- uma proposta de seminário;
- uma reflexão a partir de um estudo de caso proposto;
- ou até mesmo lançar como desafio ao discente a construção de um portfólio para apresentação ao final do curso ou da unidade de aprendizagem.

Citam-se aqui alguns instrumentos que permitem avaliar, em consonância com a construção de conhecimento, os diferentes perfis de alunos. Lembre-se: a avaliação é um recurso que deve auxiliar o processo de ensino-aprendizagem, ou seja, ela não é mais entendida como punição ou quantificação de saber, mas, sim, como um caminho para análises, tanto por parte do docente quanto por parte dos educandos.

Veja algumas dicas sobre avaliação e instrumento avaliativo:

- Reveja os conceitos de avaliação.
- Repense o modelo que você utiliza para avaliar.
- Priorize a aprendizagem dos educandos.
- Proponha desafios.
- Instigue o pensamento crítico.
- Fortaleça os diferentes perfis de aprendizagem.

“O valor da avaliação não está no instrumento em si, mas no uso que se faça dele.”
(MÉNDEZ, 2002 *apud* ZANON; ALTHAUS, 2008, p. 1).

Para saber mais, leia o texto:

A avaliação na EAD: contextualizando uma experiência do uso de instrumentos com vistas à aprendizagem

Assista também ao vídeo:

Jussara Hoffmann em avaliação: caminhos para a aprendizagem

AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM

Você sabia que a avaliação pode ser uma aliada na construção da autonomia do aluno?

Avaliar é um aspecto indissociável do processo de ensino-aprendizagem. A avaliação é utilizada para verificar os resultados em diferentes níveis: se o participante gostou do curso, se ele aprendeu, se ele conseguiu colocar em prática o que ele aprendeu e, principalmente, se o que ele aprendeu e aplicou contribuiu para a melhoria do seu próprio processo de ensino-aprendizagem.

A avaliação pode ser entendida como um recurso a ser utilizado pelo aluno para identificar os seus pontos de melhoria, a necessidade de aprofundamento de determinado conteúdo ou até mesmo a necessidade de partir para novos desafios.

Ao propor diferentes tipos de avaliação, traçam-se diferentes perfis de aprendizagem, instigando uma postura ativa no discente e, conseqüentemente, possibilitando adaptações no planejamento, caso necessário.



A avaliação não é mais apenas um recurso utilizado para classificação do aluno; ela vai além. O ato de avaliar é uma prática reflexiva no processo de ensino-aprendizagem. Na EAD, a avaliação conduzirá o educando para entender melhor a sua própria construção de conhecimento e para traçar caminhos, aprimorando a sua aprendizagem.

Avaliar é comparar o que foi planejado com os resultados obtidos. Sendo assim, a avaliação só faz sentido se tiver o objetivo de buscar caminhos para melhorar a aprendizagem. A avaliação fornece ferramentas aos docentes e discentes para o sucesso do processo de ensino-aprendizagem.

A avaliação é a reflexão transformada em ação. Ação essa, que nos impulsiona a novas reflexões. Reflexão permanente do educador sobre sua realidade, e acompanhamento, passo a passo, do educador, na sua trajetória de construção, na qual educandos e educadores aprendem sobre si mesmos e sobre a realidade escolar no ato próprio da avaliação (HOFFMANN, 2005, p. 17).

Para saber mais, leia o texto:

Educação, inovação e avaliação!

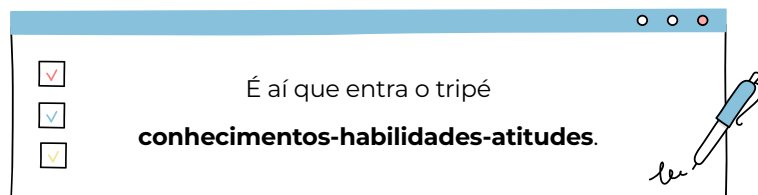
Assista também ao vídeo:

Avaliação em educação a distância

CONHECIMENTOS, HABILIDADES E ATITUDES

Antes de iniciar esta reflexão, é importante lembrar que o conceito de competências aqui descrito possui como base a fundamentação teórica de Perrenoud (2000). O autor define competências como a faculdade de mobilizar um conjunto de recursos cognitivos (saberes, capacidades, informações etc.) para solucionar com pertinência e eficácia uma série de situações, podendo dessa forma abranger a competência para o trabalho e a competência para a vida (PERRENOUD, 2000).

Os profissionais envolvidos com a EAD, independentemente do modelo de curso em que atuam, devem apresentar um conjunto de competências que irão nortear o seu desempenho. A sociedade hiperconectada gera uma demanda de ensino-aprendizagem particular, privilegiando a informação mais acessível, facilmente produzida e disseminada pela internet. Com tantos conteúdos disponíveis na rede, qual é o papel do professor?



VOCE SABE O QUE SIGNIFICA ISSO?

O **conhecimento** é o saber. É o que as pessoas aprendem nas escolas, nas universidades, nos livros, no trabalho e nas suas vidas.




A **habilidade** é o saber fazer. É saber colocar em prática tudo o que foi aprendido de forma teórica.

A **atitude** é o querer fazer. É o que leva as pessoas a decidirem se irão ou não exercitar as habilidades de determinados conhecimentos.



PÍLULA 9

A combinação de conhecimentos, habilidades e atitudes resulta na competência. Mas, afinal, quais são os conhecimentos, habilidades e atitudes essenciais para que se atue na EAD?

 CONHECIMENTOS	 HABILIDADES	 ATITUDES <small>adaptado de Tecchio et al. (2009)</small>
Conhecimento técnico na área de atuação.	Comunicar-se (oral e escrita).	Organização e planejamento.
Conhecimento em informática, AVA.	Manter o relacionamento interpessoal.	Proatividade.
Conhecimento sobre EAD.	Trabalhar em equipe.	Automotivação.
Conhecimento em gestão de tempo.	Ser ágil.	Empatia.
Conhecimento em rotinas de trabalho.	Instigar a autonomia do aluno.	Flexibilidade e disponibilidade.
Conhecimento em bibliografias.	Utilizar uma linguagem clara e objetiva.	Comprometimento e assiduidade.
	Acolher os diferentes perfis de aprendizagem.	Liderança.
	Propiciar abertura ao diálogo.	Criatividade.
		Ética.

E aí, você consegue visualizar esses conhecimentos, habilidades e atitudes na sua prática, seja ela em docência e/ou na elaboração de conteúdo?

Não é imperativo ter todos os pontos elencados, mas é aconselhável trabalhar diariamente e adotar como meta o preenchimento total do quadro de conhecimentos-habilidades-atitudes. Esses ajudam a construir continuamente o conjunto de competências essenciais para uma prática pedagógica.

É importante instigar o educando a aprender perguntando, trabalhar coletivamente, planejar, organizar, investigar, propor, contextualizar, ou seja, tornar-se autônomo em seu processo educacional, assim como alinhar seu processo de ensino-aprendizagem à prática profissional.

Sendo assim, os sujeitos da EAD são responsáveis por construir, continuamente, o tripé conhecimentos-habilidades-atitudes, a fim de propor, a cada dia, uma aprendizagem significativa e de qualidade.

A EAD é um processo educacional, em essência, o que significa que os valores educacionais ocupam posição preponderante entre as diferentes categorias valorativas que configuram os processos humanos. [...]. A relação entre educadores e educandos não se configura como econômica, em que os educadores assumem o papel de fornecedores e os educandos de consumidores (clientes) de informações e conhecimentos; trata-se de uma relação de parceria na qual o crescimento dos educandos pressupõe, necessariamente, o crescimento dos educadores (ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA, 2012, p. 11-12).

Para saber mais, leia o texto:

Competências em EAD: as exigências de uma nova era



ANDRAGOGIA

A palavra andragogia vem do grego *andros*, que significa adulto, e *agogos/agogus*, que significa guiar, conduzir, educar. Malcolm Knowles, um dos principais estudiosos sobre a aprendizagem de adultos, descreve o conceito de andragogia como a arte e a ciência de orientar os adultos a aprender (GIL, 2015, p. 12).

Observe, a seguir, os cinco pressupostos para a aprendizagem de adultos defendidos por Knowles (SMITH, 2002):

Autonomia: o adulto é capaz de gerenciar a própria aprendizagem e julga importante ser percebido assim pelos profissionais envolvidos na educação.

Experiência: o adulto traz, para o processo de aprendizagem, uma experiência prévia, acumulada ao longo de sua vivência, o que proporciona maior embasamento para o aprendizado de novos conceitos e novas habilidades.

Prontidão para a aprendizagem: o adulto tem maior interesse em aprender conceitos que estão relacionados às situações reais de seu cotidiano e sejam alinhados à sua vida pessoal ou profissional.



Aplicação da aprendizagem: o adulto tem a necessidade de visualizar a aplicação prática imediata do conteúdo apreendido.

Motivação para aprender: o adulto possui uma automotivação em aprender, que está diretamente ligada aos valores e objetivos de cada um.

Os estudos em andragogia indicam que o adulto possui vantagens em relação à aprendizagem de crianças, uma vez que já adquiriu autonomia no processo de construção do conhecimento e entende a relevância e a aplicabilidade da aprendizagem.

O aprendente adulto traz consigo ideias e conceitos adquiridos e experienciados ao longo de sua trajetória, além de realizar analogias com o novo conceito a ser aprendido.

É possível ajudar um adulto a aprender a aprender?

Malcolm Knowles criou o fluxo de aprendizagem andragógica, que orienta, em cinco etapas, como o educador de adultos pode mediar a construção do conhecimento de seus discentes. Vamos conhecer? Veja nos itens a seguir!



1. O CLIMA DE APRENDIZADO

O educador precisa estabelecer um ambiente favorável à aprendizagem. Quando se fala em ambiente, refere-se ao espaço físico ou virtual. Esse espaço deve ter o mínimo de conforto e deixar o discente confiante em seu processo de aprendizagem.

Além disso, o clima psicológico também proporciona ao aluno o entendimento de que é aceito, respeitado e apoiado por seu educador. Por fim, considerado o mais essencial, o clima de reciprocidade entre educador e aluno mostra que todos podem opinar, colaborar e contribuir, sem receio de punições.

Quando se proporciona o clima ideal de aprendizado, o aluno torna-se autor de sua aprendizagem.



2. O DIAGNÓSTICO DAS NECESSIDADES

É preciso identificar as necessidades de aprendizagem que envolvem os alunos adultos no processo de ensino-aprendizagem. Para isso, o educador deve proporcionar aos alunos experiências diagnósticas. Ao entender o perfil dos alunos, o educador traça estratégias educacionais que melhor atendam ao grupo de aprendentes. Atividades avaliativas, atividades de fixação, análise de caso e discussão no AVA subsidiam esse processo e auxiliam o próprio discente a entender o nível de aprendizagem em que se encontra. Assim, o aluno deve ser instigado a traçar um paralelo entre as competências iniciais e as já adquiridas no decorrer do curso.

3. O PROCESSO DE PLANEJAMENTO

É importante que o educador dialogue com o aluno, inserindo-o no processo de planejamento das atividades.

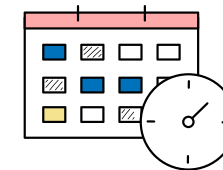
O planejamento deve ser flexível, ou seja, é possível alterá-lo de acordo com o perfil de aprendizagem do grupo. O educador pode oferecer novas atividades a partir de uma demanda do aluno, propor leituras, pesquisas que corroborem ou aprofundem o que está sendo discutido em aula. É essencial que o aluno tenha sua voz ouvida.

Ao envolver os alunos, o educador consegue realizar diagnósticos de aprendizagem, identificar as experiências prévias e, principalmente, tornar o aprendiz parte integrante da construção de conhecimento.

4. CONDUÇÃO DAS EXPERIÊNCIAS DE APRENDIZAGEM

No modelo pedagógico tradicional, o educador aprende como ensinar e entende ser o único detentor do conhecimento. Assim, ele assume o papel de responsabilidade absoluta sobre o processo de ensino-aprendizagem do outro, que tem o papel de receptor passivo da informação.

Nas práticas andragógicas, insere-se o educador como coautor do conhecimento alheio, ou seja, aluno e educador caminham lado a lado. Ao aplicar o modelo de educação de adultos, o aprendente é aquele que precisa entender a aplicação da aprendizagem, tem necessidade do saber, ou seja, promove um autoaprendizado.



Dessa forma, transforma-se o ambiente de aprendizagem, compartilhando a responsabilidade pelo processo de ensino-aprendizagem entre professor e aluno. O educador, na aprendizagem de adultos, é o condutor do processo de construção de conhecimento.

5 . AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM

Segundo Knowles, a avaliação, principalmente na educação de adultos, deve ser um compromisso mútuo entre educador e educando, com o objetivo principal de disponibilizar ao discente uma análise das eficiências das atividades de ensino-aprendizagem e os ganhos (ou não) de experiências e desenvolvimento de competências (SMITH, 2002).

O educando, ao final de um ciclo de aprendizagem, deve entender que a aprendizagem é um processo contínuo e que a avaliação é mais um auxílio importante nessa construção. Desse modo, o ato de avaliar não pode ser aplicado apenas ao final de um conteúdo e com caráter quantitativo. É necessário avaliar continuamente, pois assim:

- o docente acompanha o desenvolvimento de seus alunos, promovendo melhorias, quando necessário, no processo de ensino-aprendizagem;
- o aluno percebe-se como parte integrante do processo e utiliza a avaliação como um recurso auxiliar para entender o seu próprio desenvolvimento.

Em resumo, quando são utilizadas as ferramentas andragógicas de uma forma didática, percebe-se o aluno adulto como personagem principal de sua aprendizagem, fazendo-o entender que é possível aprender mais e melhor, além de aplicar o conteúdo apreendido na prática, seja na vida pessoal, seja na vida profissional.

Ao contrário dos alunos mais jovens, a maioria dos adultos possui experiências de trabalho e muitos procuram aprender mais a respeito de áreas do trabalho nas quais já têm grande conhecimento. Da mesma forma, ao contrário dos alunos mais jovens, eles conhecem muito sobre a vida, sobretudo o mundo, a respeito deles mesmos e das relações interpessoais, incluindo como lidar com outras pessoas em uma aula e talvez com um professor e com um sistema administrativo. Para o aluno adulto, os professores adquirem autoridade com base naquilo que conhecem e no modo como lidam com seus alunos e não com base em símbolos externos ou títulos (MOORE; KEARSLEY, 2007, p. 15).



Para saber mais, leia o texto:

Metodologia andragógica e docência transdisciplinar na educação a distância

Assista também ao vídeo:

Andragogia

ESTILOS DE APRENDIZAGEM

Estilos de aprendizagem são as estratégias adotadas por cada um para facilitar a assimilação do conteúdo. Ou seja, trata-se da maneira que cada aluno adota para aprender os conteúdos propostos e, conseqüentemente, para construir conhecimento.

Quando se fala de estilos, pensa-se em amplas possibilidades de ações, identificadas especificamente com o ser humano e com as suas características individuais (BARROS, 2013). Os estilos de aprendizagem podem variar ao longo da vida por meio das mais diversas experiências.

A aprendizagem de adultos, como já discutido, traz mais autonomia, necessidade de saber e de aplicar imediatamente o que foi apreendido, além de narrativas individuais. Com o advento da internet e o desenvolvimento das tecnologias da informação e comunicação (TIC), a EAD possibilita o acesso à aprendizagem de diferentes perfis de aprendentes. Assim, o desafio de tornar esse ambiente acessível a essa heterogeneidade é cada vez mais iminente, e isso significa também pensar a construção da aprendizagem no AVA.

Os alunos aprendem de formas muito diversas. Às vezes, aprende-se melhor de maneira visual ou auditiva, realizando uma tarefa prática, ou mesmo por meio da leitura, ou seja, é possível utilizar todos os canais sensoriais, a depender

do momento de vida ou da demanda individual, para estudar determinados conteúdos. Daí a importância de propor a construção de conhecimento a partir de recursos educacionais heterogêneos, a fim de tornar a educação acessível para os diferentes perfis de educandos.

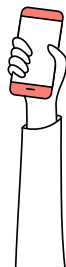
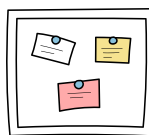
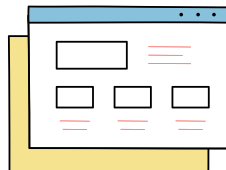
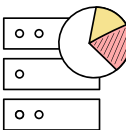


O que se pode fazer na prática como educadores para ajudar alunos com diferentes estilos de aprendizagem?

Diversifique os recursos educacionais no AVA, utilizando diferentes mídias para apresentar os conteúdos. O uso de vídeos, videoaulas, infográficos, imagens, *podcasts*, interações em fóruns, além do texto escrito, constrói um material didático interativo e auxilia alunos que aprendem melhor com um desses formatos. Além disso, o discente ganha autonomia para escolher a sua forma de estudo preferida. Será que ele prefere assistir a uma videoaula ou ler o conteúdo em formato de texto?

Entenda os diferentes perfis de alunos no grupo e reflita sobre seu planejamento pedagógico para diversificar as estratégias de aprendizagem. O contato direto com os seus alunos pode ajudar a entender quem é, de fato, o público-alvo e qual a especificidade dele. É possível utilizar os fóruns de apresentação e de discussão com essa finalidade, além de atividades diagnósticas.

Motive o seu aprendiz a conhecer suas próprias preferências de aprendizagem, pois ele é protagonista na construção de conhecimento e pode ajudar a si mesmo a desenvolver estratégias que o auxiliem a lidar com as mais diferentes situações de aprendizagem. Utilizar os fóruns para criar essa interação com os alunos pode ser uma boa ideia.



Uma simples pergunta como “você já parou para pensar como você aprende melhor?” pode estimular a reflexão do seu estudante.

Em resumo, a proposta objetiva pensar sobre como trabalhar esses diferentes estilos em um AVA. Apesar de, muitas vezes, não haver tempo hábil para aplicar questionários ou realizar atendimentos personalizados, podem-se usar essas dicas para ofertar um portfólio vasto de recursos educacionais e, por consequência, alcançar os diferentes perfis de estudantes.

Para saber mais, leia o texto:

Teoria e prática nos estilos de aprendizagem

Ainda leia o texto:

Modelo de tutoria baseado na identificação de estilos de aprendizagem dos estudantes: uma proposta para disciplina de probabilidade e estatística no ensino híbrido

Ouçã também o episódio sobre estilos de aprendizagem do podcast:

Tudo sobre aprender – Didáctica

OBJETOS DE APRENDIZAGEM

Para começar a discussão, propõe-se fazer um exercício de memória.

Ao longo de sua jornada educacional, seja no papel de aluno, seja no de professor, quais recursos você já utilizou para promover a aprendizagem? Será que você sempre aprendeu ou ensinou por meio de aulas expositivas ou lançou mão de outros recursos além do texto oral ou escrito? Assim, provavelmente, você já utilizou muitos objetos de aprendizagem.

Mas o que são objetos de aprendizagem?

O Learning Technology Standards Committee definiu um objeto de aprendizagem como “qualquer entidade, digital ou não, que pode ser usada, reutilizada ou referenciada durante o aprendizado apoiado pela tecnologia” (BRAGA, 2014, p. 21).

Para Audino e Nascimento (2010, p. 141), objetos de aprendizagem “são recursos digitais dinâmicos, interativos e reutilizáveis em diferentes ambientes de aprendizagem elaborados a partir de uma base tecnológica”. Uma definição menos ampla in-

dica que os objetos de aprendizagem são “qualquer recurso digital que possa ser reutilizado para apoiar a aprendizagem” (WILEY, 2000, p. 21).

Sendo assim, pode-se considerar como objetos de aprendizagem qualquer recurso digital, como textos, vídeos, *podcasts*, imagens, jogos, animações, simulações, aplicações, ou seja, todos os recursos que se destinam a apoiar o aluno no processo de aprendizagem.



Para saber mais, assista ao vídeo:

Objetos de aprendizagem

Leia também o texto:

Objetos de aprendizagem: da definição ao desenvolvimento, passando pela sala de aula

Confira alguns objetos de aprendizagem que podem ser utilizados

● Imagem

A imagem é uma representação de algo ou alguém. Assim, uma imagem digital pode ser utilizada para apoiar a aprendizagem e pode ser considerada um objeto de aprendizagem.

● Áudio e vídeo

Recursos de áudio, como *podcasts*, e de vídeo, como animações ou videoaulas, também podem ser utilizados para apoiar a aprendizagem e são considerados objetos de aprendizagem.

● Atividades

Quando se apresentam desafios que demandam uma resolução ou tomada de decisão por parte do aluno, este recebe informações que o ajudarão e um retorno (*feedback*) de suas respostas. Esses são objetos que podem facilitar a aprendizagem do aluno!



Um objeto de aprendizagem possibilita maior interatividade quando permite ao aluno maior intervenção sobre o conteúdo ensinado. Sendo assim, quanto mais o recurso educacional permite que o aluno se aproprie de informações, reflita e seja ativo em seu processo de aprendizagem, mais interativo ele é.

A aprendizagem mais eficaz é realizada em ambientes que combinam as representações do conhecimento em verbais (palavras impressas e palavras faladas) e não verbais (ilustrações, fotografias, vídeo e animação), utilizando a modalidade mista para as apresentações desse conhecimento (visuais e auditivas) (FLÔRES; TAROUCO, 2008 *apud* BRAGA, 2014, p. 29-30).

COMO ESCREVER PARA EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA

Você já parou para pensar que se escreve de formas diferentes, dependendo do público-alvo e do contexto em que se está inserido? Com certeza, escrever um artigo científico é muito diferente de escrever um recado, não é mesmo? Além disso, seria bastante estranho utilizar a linguagem do artigo científico para escrever um recado.

Sendo assim, é preciso ter em mente que o tipo de linguagem utilizada na EAD tem importância decisiva para o alcance ou não dos estudantes.

Na EAD, alunos e professores estão separados no espaço e no tempo; portanto, há uma separação entre o momento da produção do conteúdo (pelo professor) e o da recepção do conteúdo (pelo aluno). Ao escrever uma aula de EAD, o professor não vai junto com a aula que escreve, não pode explicar de novo e não pode olhar para o aluno e perceber que ele não entendeu (RODRIGUES, 2007).

Uma das maiores dificuldades de nós, professores do ensino presencial, quando vamos elaborar um material para Educação a Distância é entender que não estamos redigindo capítulos de livros ou artigos científicos. É nos desprender da linguagem rebuscada – com a qual estamos acostumados sem nos darmos conta (FIALHO; MEYOHAS, 2007, p. 95).



Deve-se pensar a aula para EAD da mesma forma que se pensa o texto falado da aula presencial. Ou seja, não basta apenas fornecer os conteúdos que você, especialista na área, domina tão bem. É preciso pensar em estratégias para ensinar de forma efetiva e para proporcionar ao aluno um papel ativo e autônomo em seu processo de aprendizagem.

Se você já atua no ensino de forma presencial, pense: o que você faz em sala de aula para alcançar o seu aluno e garantir que ele tenha, de fato, aprendido?

Na prática, o que é possível fazer para deixar esse texto com a “cara” da EAD?

Recursos textuais

Utilize uma linguagem mais próxima do aluno. Isso mostra que o professor está ali, junto com ele, por meio do texto. Para isso, assumo o uso do “você” e do “nós”, que carregam traços de personalidade positivos para os textos em EAD.

Utilize o negrito para marcar informações e tópicos para organizar a informação.

Organize suas ideias em frases curtas e não escreva longos parágrafos, pois isso pode cansar o seu leitor.

Exemplos e aplicações

Contextualize as informações, dando exemplos que concretizem os conceitos mais abstratos.

Por meio dos exemplos, traga o aluno para a vida real. Os conceitos aprendidos devem ser aplicados no ambiente profissional.

Os exercícios, estudos de caso e fóruns de discussão são excelentes espaços para promover interação e aplicação.

Objetos de aprendizagem variados

Utilize outros objetos de aprendizagem para descrever coisas sem utilizar, necessariamente, o texto escrito. Às vezes uma imagem vale mais do que mil palavras, não é mesmo? Busque diversificar recursos, trazendo imagens, infográficos, vídeos, videoaulas, *podcasts*; em resumo, use a sua criatividade para diversificar a escrita do material didático.

É importante lembrar que o material didático também é um mediador nas estratégias de comunicação entre alunos, professores e conhecimentos a serem adquiridos e deve proporcionar diferentes possibilidades de aprendizagem.



Para saber mais, assista ao vídeo da Universidade de Brasília:

A linguagem escrita no ambiente virtual de aprendizagem

ELABORANDO ATIVIDADES OBJETIVAS

Para elaborar qualquer tipo de questão, é necessário, antes de tudo, ter em mente qual o sentido de apresentar uma questão para o aluno. O que se quer, afinal, ao propor um exercício ou uma avaliação? O propósito deve ser ajudar o aluno a alcançar os objetivos da ação educacional, abandonando qualquer ideia de avaliação como punição.

Assim, os exercícios de fixação irão auxiliar o aluno, ao longo do percurso pelo conteúdo, a fazer as conexões necessárias para, de fato, transformar toda

aquela informação em conhecimento. Os exercícios avaliativos, por sua vez, ajudam o aluno a entender como está o seu processo de aprendizagem.

Esta pílula fala de forma específica sobre as questões objetivas, principalmente as de múltipla escolha.

Às vezes, as questões objetivas tornam-se as “queridinhas” por serem de mais simples correção – o aluno vai ser colocado diante de uma tomada de decisão e, em seguida, irá receber a resposta correta. O retorno é imediato. Contudo, para que essa questão exerça a sua função, é importante observar a sua construção.

Uma questão objetiva não necessariamente é mais fácil que uma questão discursiva. É necessário separar os tipos de questão do nível de dificuldade. Ainda, uma questão fácil não quer dizer uma questão óbvia – ou seja, é preciso atentar se a questão não está simples demais a ponto de ser apenas um exercício de repetição, uma “decoreba” do conteúdo.



Observe, na prática, algumas dicas para elaborar questões objetivas

- ✓ Fique atento ao enunciado. Ele deve ser claro e objetivo. Procure utilizar um comando assertivo com um verbo de ação que traga clareza sobre o que está sendo perguntado.
- ✓ Nas questões de múltipla escolha, deve haver uma alternativa correta e as demais erradas, que são chamadas de distratores. Contudo, todas as alternativas precisam ser plausíveis e lógicas. Caso as alternativas erradas sejam incoerentes, logo serão eliminadas, e o desafio da questão irá diminuir, o que desmotiva o aluno.
- ✓ As alternativas incorretas devem apontar para um erro comum que os alunos podem cometer. Assim, a questão pode ajudar o aluno e o professor na verificação dos pontos que foram aprendidos e daqueles que ainda precisam de um maior estudo. O erro é diagnóstico.
- ✓ Todas as alternativas devem ter a mesma estrutura e tamanho. Caso uma delas seja muito diferente, fornece-se uma pista para o aluno. É importante evitar que o aluno acerte “chutando”. É preferível deixar que ele tome uma decisão baseada em sua própria reflexão, mesmo que erre. Desse modo, é possível guiá-lo para uma aprendizagem efetiva.

✓ O comando negativo e os distratores com negativa devem ser evitados, pois podem confundir o aluno que está seguindo um fluxo de pensamento em ações afirmativas. O objetivo não é transformar as questões em uma “pegadinha”; portanto, evite usar, no seu enunciado, as palavras “não”, “exceto”, “incorreto”.

✓ O *feedback* (ou comentário) é essencial mesmo nas questões objetivas, em que é apresentado o gabarito. Esse é o momento de dar orientações para o aluno que não alcançou o resultado esperado, indicando quais pontos é necessário rever e dando alguma explicação adicional. Também é uma oportunidade de aprofundar alguma temática com os alunos que já alcançaram o objetivo da questão.

Observe, a seguir, um exemplo de questão de múltipla escolha

Maria é professora em uma universidade de médio porte. A sua disciplina é ofertada no primeiro período da graduação, à noite, por isso a maioria dos alunos acabou de sair do Ensino Médio e já está inserida ou está em processo de inserção no mercado de trabalho. Ela relata ter muitos problemas com indisciplina, alunos desinteressados e que usam

celular a todo momento. Em sua prática pedagógica, Maria planeja as aulas com antecedência, sempre aproveitando aulas do semestre passado e atualizando textos com informações do cotidiano.

Analisando a situação, que possibilidade Maria pode estudar para melhorar o interesse dos alunos por suas aulas?

- a) Cobrar mais interesse dos alunos, lembrando-os de uma possível reprovação na disciplina, caso a média não seja alcançada.
- b) Trabalhar a autonomia dos alunos, por meio de seminários apresentados ao longo do semestre, que somam pontos junto à prova final.
- c) Oferecer mais leituras e listas de exercícios para que os alunos possam estudar os conteúdos em casa.
- d) Conhecer mais o contexto de cada turma e os conhecimentos prévios dos alunos, de modo a planejar a partir de uma dada realidade.

Gabarito: letra D.

Comentário: o caso apresentado mostra um contexto bastante específico no qual os estudantes estão inseridos. Cobrar atenção e lembrar uma possível reprovação é insuficiente para melhorar o interesse dos alunos. É preciso refletir sobre o que os motiva a estar em uma

graduação. Seguir o modelo tradicional de ensino e construir as ações apenas orientados para o somatório final de pontos não ajuda a solucionar a raiz do problema. Se existem uma desmotivação e uma percepção inicial sobre falta de tempo, já que os alunos estudam à noite, passar mais conteúdos para estudar em casa também será uma ação que não conduz a uma resolução do problema. Assim, conhecer mais o contexto de cada turma e os conhecimentos prévios dos alunos, por meio de uma avaliação diagnóstica, irá ajudar a planejar a partir da realidade deles.

**Para saber mais sobre elaboração de questões,
assista à série de vídeos:**

Oficina de elaboração de questões

ELABORANDO ATIVIDADES DISCURSIVAS

Anteriormente, refletiu-se sobre as questões objetivas, mas e as dissertativas? Há alguma diferença? Todas as dicas faladas na *Pílula 14* continuam valendo.

Assim como as questões objetivas, as dissertativas também devem responder a um objetivo específico do curso, ou seja, é necessário ter em mente:

- O que se quer perguntar ao aluno.
- O que se quer verificar que ele sabe.
- O que se quer que o aluno perceba sobre o seu próprio processo de aprendizagem.



Questões discursivas fazem mais sentido se a finalidade for avaliar os alunos a partir do seu pensamento crítico e da sua capacidade de argumentação. Esse é o momento de observar como os alunos estabelecem relações e avaliam situações. Na questão discursiva, o estudante precisa demonstrar domínio de conhecimentos por meio da capacidade de exposição de ideias com clareza, coerência e coesão, construção de argumentações consistentes e domínio da norma culta.

Veja algumas dicas para elaborar questões discursivas

- Procure utilizar uma situação-problema ou um estudo de caso para contextualizar a questão em análise. É importante trazer exemplos práticos que façam parte do universo do aluno, que deve interagir com o material para aprender conceitos e teorias para aplicação em situações profissionais.
- Evite pedir apenas uma simples conceituação, por meio de perguntas como “o que é X?” ou “qual a definição de X?”, uma vez que isso pode significar uma reprodução do conteúdo, e não uma verdadeira aplicação do conceito exigido.
- Evite também formulações imprecisas ou vagas, como “dê a sua opinião sobre X”. Todas as questões precisam apresentar uma fundamentação teórica e indicar caminhos para construir relações entre teoria e prática. É preciso levar os alunos além da opinião para a construção de análises críticas com embasamento científico.
- É importante estabelecer critérios de correção que estejam claros para o estudante. O aluno precisa saber o que será exigido dele.



• Mesmo que a resposta seja aberta, isto é, mesmo que existam diversos caminhos para chegar à conclusão esperada, é importante a formulação de um comentário ou *feedback*. Esse é um excelente espaço para interagir com o aluno, mostrando os principais caminhos de análise e quais conteúdos são necessários para chegar lá.

Observe, a seguir, um exemplo de questão discursiva

Na *Pílula de conhecimento pedagógico 4*, refletiu-se sobre o protagonismo do aluno, sobre uma perspectiva do estudante enquanto coautor do seu próprio processo de construção da aprendizagem. Essa modalidade de aprendizagem permite explorar as dificuldades e facilidades de cada aluno, favorecendo a criação de um ambiente colaborativo.

Tomando como referência o conteúdo compartilhado na referida pílula, discorra sobre a importância do aluno autônomo para a EAD.

Comentário: ao longo do tempo, a educação passa por momentos de quebras de paradigmas. O mundo mudou, e a educação precisa acompanhar esse movimento. Assim, o modelo tradicional de ensino não se mostra mais como a única ou como a melhor opção quando

se pensa em uma aprendizagem efetiva. Entende-se que ensinar não é transferir conteúdos, mas instigar a busca de conhecimento, o pensamento crítico e a resolução de problemas. Dessa forma, colabora-se para a inserção de um profissional mais capacitado no mercado de trabalho, apto a lidar com as situações que irão surgir em seu cotidiano.

**Para saber mais sobre elaboração de questões,
assista à série de vídeos:**

Oficina de elaboração de questões

FÓRUM DE DISCUSSÃO

O AVA possui algumas ferramentas interativas e dinâmicas que possibilitam ao docente on-line maior eficácia na mediação didático-pedagógica.

O Fórum de Discussão é uma dessas ferramentas. É um canal que aproxima o corpo docente e os alunos. Por meio do Fórum, são abertos diálogos e debates acerca de temas relacionados com o curso. Além disso, é uma atividade assíncrona, por não exigir a presença de todos os participantes em um horário específico, o que possibilita uma adequação de agenda dos estudantes e participação ativa dentro do prazo predeterminado.

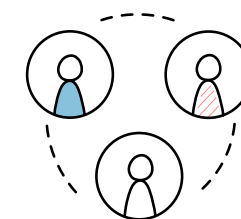
A partir de uma pergunta norteadora, um problema a ser resolvido ou um caso a ser analisado, preferencialmente alinhados à prática profissional do discente, inicia-se um modelo de aprendizagem colaborativa, no qual o docente on-line assume o papel de facilitador e moderador de discussões, e de gestor de processos colaborativos de aprendizagem.



Para o aprendente, é muito importante que o curso disponibilize momentos diversificados de estudo. Assim, os Fóruns de Discussão podem trazer uma maior dinâmica ao processo de ensino-aprendizagem e possibilitar a construção do relacionamento interpessoal. Por meio desse canal, são trabalhadas outras habilidades e competências, que contribuirão para a formação profissional dos alunos.

O alto nível de motivação e o envolvimento de alunos e professores se constituem numa característica promissora da EAD. O próprio aluno assume a responsabilidade pela sua auto-aprendizagem, desenvolve a iniciativa, a disciplina e a autonomia, incentivado por metodologias mais flexíveis e inovadoras, além de contar com o apoio do professor, monitores, tutores e colegas. Estas classes virtuais permitem o acesso a um grande número de colegas e professores, que, interagindo entre si, colaboram para que a aprendizagem aconteça numa dimensão de compartilhamento inimaginável há alguns anos atrás (FARIA, 2002, p. 44).

É importante lembrar que o Fórum de Discussão tem função de mediar um conhecimento. Existem caminhos específicos para o esclarecimento de dúvidas, o suporte de plataforma, entre outras comunicações inerentes ao AVA.



Agora que já foi contextualizada a importância do Fórum de Discussão como uma ferramenta educacional, encerra-se a reflexão de hoje compartilhando algumas dicas. Ao propor um Fórum de Discussão, você, profissional de EAD, deve:

- Escolher um tema que suscite o interesse do aluno e que esteja diretamente relacionado com o conteúdo em estudo.
- Construir um texto claro e objetivo para abertura do Fórum.
- Explicar as regras para participação.
- Motivar a participação efetiva de todos os educandos e explicitar a relevância para o processo de construção do conhecimento.
- Relembrar as regras de convivência em grupo, o compromisso com o respeito ao próximo e com o crescimento coletivo.
- Lembrar aos alunos que o Fórum é um instrumento de aprendizagem e de formação colaborativa.
- Tratar os alunos com gentileza, disponibilizando-se a responder eventuais dúvidas e questionamentos.
- Estimular a troca de *feedbacks* entre os alunos.
- Reservar em sua agenda um horário e uma data para acompanhar e participar das discussões no fórum, a fim de evitar o silêncio virtual.

Em resumo, para alcançar a eficiência do processo de construção da aprendizagem a distância, podem-se utilizar as ferramentas de interação, como o Fórum de Discussão, que são recursos criados e pensados por especialistas na área, a fim de contribuir efetivamente para um aprendizado colaborativo e cooperativo por parte dos alunos.

A ação de contribuir no Fórum, a partir de uma proposta do docente on-line, além de fortalecer o aspecto social da educação, de desenvolver e/ou aprimorar a capacidade de trabalhar em equipe e de motivar, pode contribuir, em cada um, para o sentimento de pertencimento a um grupo, o que diminui, em grande medida, a sensação de distanciamento tão característica da EAD.



Para saber mais sobre Fórum de Discussão, leia os textos:

Análise da efetividade do fórum de discussão nos processos de ensino e aprendizagem em EAD

3 maneiras de aperfeiçoar a interação com alunos na sala de aula virtual

Ouçã também o episódio do Podcast Café com EAD:

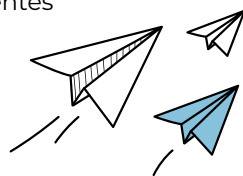
Como mediar Fórum de Discussão?

COMO ESTIMULAR A CRIATIVIDADE

Segundo Ken Robinson (2019), autor do livro *Somos todos criativos*, a criatividade é a ação de desenvolver ideias originais e que tenham valor, ou seja, é um processo relacionado a outros conceitos:

- A imaginação, que é a ação de refletir sobre algo que não está presente em nossos sentidos.
- A inovação, que é a ação de colocar novas ideias em prática.

A sociedade está acostumada a achar que somente as crianças são seres criativos e que, ao longo da caminhada, tal característica é esquecida e/ou suprimida por demandas variadas que, cada vez mais, ocupam o tempo. Há quem defenda que a criatividade é um perfil nato de mentes brilhantes e que, caso não se nasça com ela, dificilmente será desenvolvida ao longo da trajetória de vida.



O fato é que, sim, as crianças são seres extremamente criativos, e muito se deve à ausência de medo de errar. Errar faz parte do processo de aprendizagem, pois, a partir de um equívoco, é possível entender

pontos de ajustes, analisar ações que levaram ao engano e elaborar conexões sobre o que fazer para não cometer determinado erro, ou seja, cria-se em um ciclo de ação-reflexão-ação.

Contudo, essa não é uma característica apenas da infância. Criatividade é o ato de transformar ideias novas e originais em realidade. Segundo Steve Jobs (*apud* FERRAZ, 2022), a criatividade é a arte de conectar ideias.

Aqui vale ressaltar que a habilidade da criatividade possui dois processos: pensamento e produção. Ou seja, para ser criativo, não é possível ficar no campo das ideias, mas é necessário adotar a postura de agir sobre elas, do contrário têm-se apenas seres imaginativos, e não criativos.

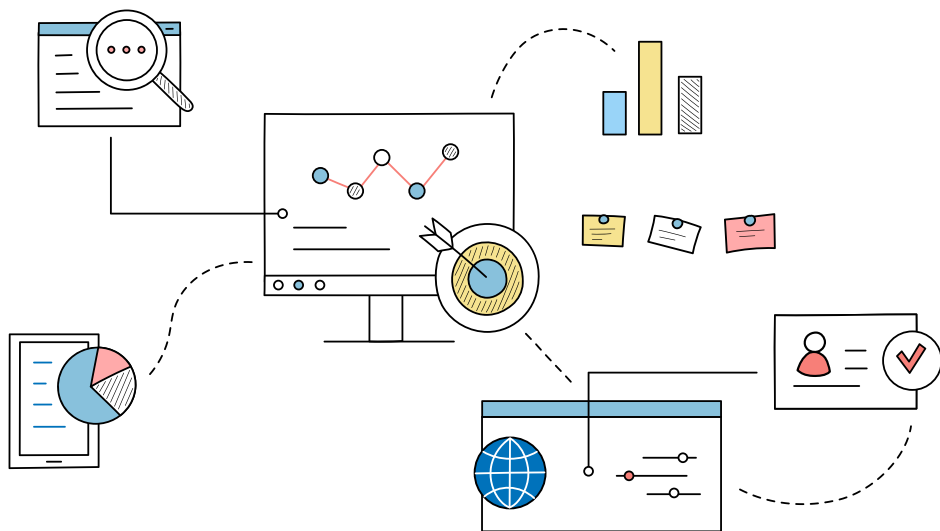
“Começo com a premissa de que todo ser humano nasce com um enorme talento criativo. O desafio é desenvolvê-lo. Uma cultura de inovação precisa incluir todos, não só um grupo seleta” (ROBINSON, 2019, on-line).

Mas então o que criatividade tem a ver com educação? Tudo.

Atualmente, vive-se na era da educação pautada na ação do aluno sobre a própria construção do conhecimento. Os mediadores são responsáveis por

estimular o perfil ativo, de busca, de pensamento crítico, de inovação. Busca-se formar seres autônomos em seu processo de ensino-aprendizagem, aptos para resolver desafios, propor ideias e construir continuamente a sua criatividade.

Para que uma pessoa possa se reconhecer como criativa e colaborativa, é necessária uma mentalidade de crescimento e, conseqüentemente, pensar fora da caixinha. Segundo Carol Dweck, somos capazes de cultivar qualidades básicas por meio de esforços próprios. Embora exista heterogeneidade de aptidões, interesses ou temperamentos, cada um pode modificar e desenvolver a si mesmo por meio do esforço e da experiência (DWECK, 2017).



COMO CONSTRUIR A CRIATIVIDADE? SEGUEM ALGUMAS DICAS:

- Consuma conteúdo sobre o assunto que deseja desenvolver para aumentar o seu repertório.
- Não tenha medo de errar.
- Tenha sempre em mãos espaço para anotações.
- Resolva problemas.
- Pratique a mentalidade de crescimento, entendendo as suas dificuldades e adotando uma postura de mudança.
- Não tenha receio de propor novas ideias, ainda que o cenário atual esteja funcionando bem. Sua proposta pode atingir alguma outra necessidade ainda não pensada.
- Entenda as necessidades do seu público-alvo.
- Pratique uma atividade que lhe traga prazer. Nesses momentos, a mente descansa das rotinas diárias e abre espaço para o novo.
- Fuja da rotina.
- Mantenha um bom relacionamento interpessoal. As ideias dos colegas podem ser inspiradoras.
- Elabore metas ou objetivos pessoais e profissionais.



PÍLULA 17

Para saber mais sobre criatividade, assista aos vídeos:

Será que as escolas matam a criatividade?

Criatividade: pensamento lateral ensina a 'sair da caixa'

Leia também o texto:

*Educomunicação na gestão educacional
criativa em projetos corporativos EAD: um estudo de caso*

**Para saber mais sobre a mentalidade de crescimento,
assista ao vídeo:**

Carol Dweck: o poder de acreditar que se pode melhorar

EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA OU EDUCAÇÃO: NOVAS FORMAS DE ENSINAR E APRENDER NO SÉCULO XXI

A educação do século XXI, diante da evolução constante dos meios de comunicação e do acesso imediato a informações, vem oportunizando novas reflexões sobre a sala de aula, em especial sobre a relação entre professor e aluno.

Os estudantes compartilham experiências, trocam informações, conectam-se a todo momento e buscam motivação sobre o que será estudado. O aluno de hoje é mais curioso, questionador, com necessidade de entender a aplicação real de tudo o que é aprendido. Um aprendizado passivo, no qual o estudante apenas escuta e reproduz, pode levar a um rápido desinteresse.

O docente assume o papel de mediador e orientador de um processo de



construção contínua. As ferramentas didático-tecnológicas conduzem o aluno em sua jornada de aprendizagem, e o conhecimento é construído de forma horizontal, por meio da participação ativa, ou seja, a aprendizagem é construída coletivamente.

De acordo com a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco, do inglês United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization) (DELORS *et al.*, 2010), cabe à educação propor saberes alinhados às competências do futuro, comprometendo-se com o fim de um ensino pautado meramente na transmissão de informações e com a construção de um modelo orientado para projetos de desenvolvimento individual e coletivo.

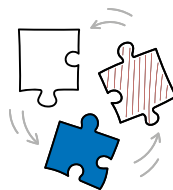
Mas por que, atualmente, discute-se tanto sobre o aluno como centro da aprendizagem?

Preparam-se os aprendentes para relacionar a construção do conhecimento com a sua prática profissional e com os desafios a serem vivenciados ao longo de sua trajetória, seja pessoal, seja profissional.

Por isso, é importante incentivar que os alunos sejam criativos, comunicativos, responsáveis e que, além disso, saibam buscar soluções para problemas, perguntar, interagir entre si e com o professor. Esse é um processo mais re-

lacionado às possibilidades que surgem durante o aprendizado do que a um roteiro de ensino preparado previamente.

Os conceitos de “protagonismo do aluno”, “perfil autônomo”, “aprendizagem ativa”, entre outros, propõem algumas quebras de paradigmas, pois instigam a pensar no aluno não mais como mero receptor de conhecimento, mas como coautor de sua própria aprendizagem.



Para promover a construção do conhecimento pelo aprendiz, é necessário que ele tenha a autonomia para buscar novos saberes e acrescentar aos saberes já construídos. No entanto, a maioria das instituições de ensino, seja a distância ou presencial, oferece espaços ou atividades que se resumem à simples transmissão da informação (VALENTE; MORAN, 2011 *apud* LECHNER, 2015, p. 50).

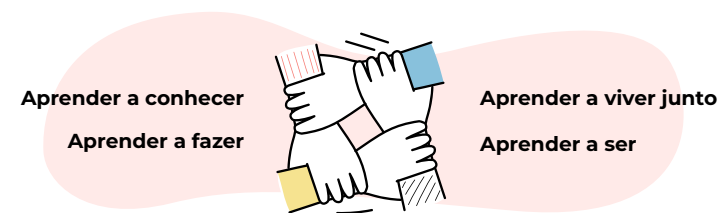
Você já percebeu que até aqui se falou sobre educação? E a educação a distância?

Em uma realidade de constante evolução tecnológica, os desafios educacionais são iminentes. Essa permanente mudança, em sintonia com as transformações sociais e globais, torna urgente uma nova postura educacional. Por meio das tecnologias, são possíveis a multiplicação do saber e o acesso à educação de qualidade, antes inacessível para uma parcela da população.

A EAD nada mais é que uma modalidade de educação que vem, ao longo dos tempos, mostrando-se necessária e primordial para grupos de aprendizes que, por motivos diversos, não tinham acesso à modalidade presencial.

Ela, por si só, não elimina as dificuldades estruturais e conjunturais que afetam o desenvolvimento de processos educativos. Ainda assim, a Educação a Distância afirma-se como alternativa para a solução de problemas educacionais (KRAMER *et al.*, 1999, p. 35 *apud* LECHNER, 2015, p. 50).

A Unesco (DELORS *et al.*, 2010) propõe quatro pilares para a educação do século XXI:

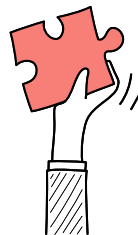


Assim, a educação deve desenvolver essas quatro aprendizagens fundamentais, que serão, para cada indivíduo, os pilares do conhecimento.

Essa visão de educação tem fundamentado os encaminhamentos da Educação a Distância, e tem propiciado aos educadores a reflexão e idealização de um tipo de educação capaz de preparar as pessoas para o futuro (SOARES, 2014, p. 146).

As práticas em educação vivenciadas ao longo dos anos, em diferentes contextos educacionais, comprovam que a construção do conhecimento se torna mais efetiva quando alunos colaboram entre si, interagem de forma mais significativa e criam relacionamento interpessoal com o grupo.

Quando, na EAD, há a mediação e o acompanhamento do tutor, profissional responsável por organizar a comunicação em plataforma, as dinâmicas de interatividade e as atividades propostas, há a criação de uma comunidade de aprendizagem, o que contribui para a redução das distâncias interpessoais.



Em resumo, o convite à reflexão é pautado nos parâmetros de uma educação de qualidade, independente da modalidade de ensino. Sendo assim, é preciso pensar o AVA com toda a possibilidade que ele apresenta. Ele é a sala de aula virtual, e não apenas um repositório de informações. O conteúdo disponibilizado em AVA deve propor a interação aluno-aluno, aluno-tutor, aluno-grupo e, assim, ressignificar a aprendizagem.

Para saber mais sobre a educação no século XXI, leia o texto

Educação do século 21 requer menos ensino e mais aprendizagem

Para saber ainda mais sobre a educação no século XXI, assista ao vídeo

Experiências inovadoras na educação

Para saber mais sobre os pilares da educação, assista ao vídeo

Os quatro pilares da educação I: Educação um Tesouro a Descobrir

Para saber mais sobre os pilares da educação, leia também a obra

Educação, um tesouro a descobrir – relatório para Unesco da Comissão Internacional para Educação

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As *Pílulas do conhecimento pedagógico* surgiram a partir de um desejo alinhado ao *Projeto Político-pedagógico*: a promoção de um ensino de excelência na área de cancerologia. No contexto da EAD, é essencial conhecer as especificidades do mundo virtual e discutir a prática docente nesse ambiente.

O Nead acredita que é possível construir uma EAD que aproxima cada vez mais a todos. E as *Pílulas* proporcionaram esse encontro com o corpo docente do INCA. O Nead agradece a cada um dos docentes pelos *feedbacks*, direcionamentos e sugestões de temas.

Deseja-se ampliar esse diálogo ainda mais e seguir direcionando os esforços para a construção de uma rede de apoio para os profissionais envolvidos com as ações educacionais a distância, desde a produção do material didático até a docência. O foco é apoiar as ações pedagógicas e fornecer mais ferramentas para a prática em sala de aula.



REFERÊNCIAS

Pílula 1

BRASIL. Ministério da Educação. **Base nacional comum curricular**: educação é a base. Brasília, DF: Ministério da Educação, 2017. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versoafinal_site.pdf. Acesso em: 26 nov. 2022.

ESCOLA NACIONAL DE ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA (Brasil). **Curso facilitadores da aprendizagem**. Brasília, DF: Enap, 2020. Disponível em: <https://www.escolavirtual.gov.br/>. Acesso em: 26 dez. 2022.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 13. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

INSTITUTO NACIONAL DE CÂNCER JOSÉ ALENCAR GOMES DA SILVA. **Projeto político-pedagógico**. Rio de Janeiro: INCA, 2019.

Pílula 2

BRASIL. Ministério da Educação. **Orientações para cursos de formação de professores nas áreas de didática, metodologias e práticas de ensino**. Brasília, DF: Ministério da Educação, fev. 2016. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=40811-documento-base-fevereiro-2016-pdf&categoryslug=maio-2016-pdf&Itemid=30192. Acesso em: 27 fev. 2021.

Pílula 3

BACICH, L.; MORÁN, J. (org.). **Metodologias ativas para uma educação inovadora**: uma abordagem teórico-prática. São Paulo: Penso, 2018.

MORÁN, J. Como acelerar as mudanças na educação. *In*: PORVIR. São Paulo, 15 out. 2020. Disponível em: <https://porvir.org/como-acelerar-as-mudancas-na-educacao-jose-moran/>. Acesso em: 25 fev. 2021.

MORÁN, J. Mudando a educação com metodologias ativas. *In*: SOUZA, C. A. de; MORALES, O. E. T. (org.). **Convergências midiáticas, educação e cidadania**:

aproximações jovens. Ponta Grossa: UEPG; PROEX, 2015. v. 2. p. 15-33. (Coleção mídias contemporâneas). Disponível em: http://www2.eca.usp.br/moran/wp-content/uploads/2013/12/mudando_moran.pdf. Acesso em: 25 fev. 2021.

O QUE são as metodologias ativas de aprendizagem e por que vêm sendo cada vez mais valorizadas? *In*: UNIVERSIA. Madri: Universia, 3 abr. 2020. Disponível em: <https://www.universia.net/br/actualidad/orientacao-academica/o-que-so-as-metodologias-ativas-aprendizagem-e-que-vem-sendo-cada-vez-mais-valorizadas-1165759.html>. Acesso em: 26 fev. 2021.

PARA JOSÉ Moran, metodologias ativas requerem engajamento. **Desafios da Educação**, [Rio Grande do Sul], 7 maio 2018. Disponível em: <https://desafios-daeducacao.grupoa.com.br/metodologias-ativas-carecem-engajamento-institucional/>. Acesso em: 25 fev. 2021.

UNIVERSIA. Atualidade. Orientação acadêmica. **O que são as metodologias ativas de aprendizagem e porque vêm sendo cada vez mais valorizadas?** [S. l]: Universia, 3 abr. 2020. Disponível em: <https://www.universia.net/br/actualidad/orientacion-academica/o-que-so-as-metodologias-ativas-aprendizagem-e-que-vem-sendo-cada-vez-mais-valorizadas-1165759.html>. Acesso em: 17 mar. 2023.

Pílula 4

CHARRET, H. Avaliação para favorecer a aprendizagem ativa. *In*: POVIR. São Paulo, 10 nov. 2020. Disponível em: <https://porvir.org/avaliacao-para-favorecer-a-aprendizagem-ativa/>. Acesso em: 18 fev. 2021.

MONTEIRO, C. Dar protagonismo não é apenas permitir que o estudante mude o currículo. *In*: NOVA ESCOLA. **Jornalismo**. São Paulo: Nova Escola, 11 jul. 2017. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/5079/dar-protagonismo-nao-e- apenas-permitir-que-o-estudante-escolha-o-curriculo>. Acesso em: 27 dez. 2022.

RICARDO, J. E. **Educação a distância**: professores-autores em tempos de cibercultura. São Paulo: Atlas, 2013.

Pílula 5

ESCOLA NACIONAL DE EDUCAÇÃO PÚBLICA (Brasil). **Curso facilitadores da aprendizagem**. Brasília, DF: Enap, 2020. Disponível em: <https://www.escolavirtual.gov.br/>. Acesso em: 26 dez. 2022.

LIBANEO, J. C. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1991.

Pílula 6

FILATRO, A. **Design instrucional contextualizado**: educação e tecnologia. 2. ed. São Paulo: Ed. Senac, 2008.

Pílula 7

ZANON, P. D.; ALTHAUS, M. M. Instrumentos de avaliação na prática pedagógica universitária. *In*: SEMANA PEDAGÓGICA DA PROGRAD, 2008, Paraná. **Anais** [...]. Universidade Estadual de Ponta Grossa, Paraná, 2008. Disponível em: <https://www.fag.edu.br/novo/arquivos/nucleos/nad/arquivos/apoi010.pdf>. Acesso em: 30 mar. 2021.

Pílula 8

ESCOLA NACIONAL DE EDUCAÇÃO PÚBLICA (Brasil). **Curso facilitadores da aprendizagem**. Brasília, DF: Enap, 2020. Disponível em: <https://www.escolavirtual.gov.br/>. Acesso em: 26 dez. 2022.

HOFFMANN, J. M. **Avaliação**: mito e desafio: uma perspectiva construtivista. 35. ed. Porto Alegre: Mediação, 2005.

MULTIPLICANDO SABERES: Revista Multiplique, São Paulo, 2020.

RICARDO, J. E. **Educação a distância**: professores-autores em tempos de cibercultura. São Paulo: Atlas, 2013.

Pílula 9

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA. **Competências para educação a distância**: matrizes e referenciais teóricos. São Paulo: ABED, 2012. Disponível em: http://www.abed.org.br/site/pt/midioteca/competencias_profissionais_ead/1441/2012/08/competencias_para_educacao_a_distancia_matrizes_e_referenciais_teoricos. Acesso em: 1 abr. 2021.

BEHAR, P. (org.). **Competências em educação a distância**. Porto Alegre: Editora Penso, 2013.

MELO, S. K. de; NOBRE, V. C. Convergência das competências essenciais do mediador pedagógico da EAD. *In*: CONGRESSO BRASILEIRO DE ENSINO SUPERIOR A DISTÂNCIA, 8., 2011, Ouro Preto. **Anais** [...]. Ouro Preto: UNIUNED, 2011. Disponível em: https://www.academia.edu/29748795/CONVERG%C3%8ANCIA_DAS_COMPET%C3%8ANCIAS_ESSENCIAIS_DO_MEDIADOR_PEDAG%C3%93GICO_DA_EAD. Acesso em: 1 abr. 2021.

PERRENOUD, P. **10 novas competências para ensinar**: convite à viagem. Porto Alegre: Artmed Editora, 2000.

TECCHIO, E. L. *et al.* Competências fundamentais ao tutor de ensino a distância. **Colabor@ -Revista Digital da CVA-RICESU**, [s. l.], v. 6, n. 21, out. 2009.

Pílula 10

BELLAN, Z. **Andragogia em ação**. 6. ed. Santa Bárbara d'Oeste, SP: Z3 Editora e Livrarias, 2005.

FILATRO, A. **Estilos de aprendizagem**. Brasília, DF: Escola Nacional de Administração Pública, 2015.

GIL, A. C. **Didática do ensino superior**. São Paulo: Atlas, 2015.

MOORE, M. G.; KEARSLEY, G. **Educação a distância**: uma visão integrada. São Paulo: Thomson Learning, 2007.

SMITH, M. K. Malcolm Knowles, informal adult education, self-direction and andragogy. *In*: THE ENCYCLOPEDIA of pedagogy and infomral education. [S. l.]: Infed, 2002. Disponível em: <https://infed.org/malcolm-knowles-informal-adult-education-self-direction-and-andragogy/>. Acesso em: 17 mar. 2023.

Pílula 11

BARROS, D. M. V. **Estilos de aprendizagem e o uso das tecnologias**. Porto: De Facto Editora, 2013.

FILATRO, A. **Estilos de aprendizagem**. Brasília, DF: Escola Nacional de Administração Pública, 2015.

Pílula 12

AUDINO, D. F.; NASCIMENTO, R. S.; Objetos de aprendizagem: diálogos entre conceitos e uma nova proposição aplicada à educação. **Revista Contemporânea de Educação**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 128-148, jul./ dez. 2010.

BRAGA, J. C. (org.). **Objetos de aprendizagem**: introdução e fundamentos. Santo André: Ed. UFABC, 2014. v. 1. Disponível em: <https://pesquisa.ufabc.edu.br/interact/wp-content/uploads/2015/12/objetos-de-aprendizagem-v1.pdf>. Acesso em: 25 jul. 2021.

WILEY, D. A. Connecting learning objects to instructional design theory: a definition, a metaphor, and a taxonomy. *In*: WILEY, D. A. (ed.). **The instructional use of learning objects**. Bloomington: AECT, 2002. p. 3-23. Disponível em: <https://members.aect.org/publications/InstructionalUseofLearningObjects.pdf>. Acesso em: 17 mar. 2023.

Pílula 13

BARRETO, C. C. Aula 2: desenho instrucional em materiais didáticos impressos - uma boa ideia! *In*: BARRETO, C. C. (org.) *et al.* **Planejamento e elaboração de material didático impresso para educação a distância**. Rio de Janeiro: Fundação CECIERJ, 2007. p. 31-50.

FIALHO, A. P. A.; MEYHOAS, J. Aula 5: o uso da linguagem: por que tanta preocupação e tanto cuidado? *In*: BARRETO, C. C. (org.) *et al.* **Planejamento e elaboração de material didático impresso para educação a distância**. Rio de Janeiro: Fundação CECIERJ, 2007. p. 91-114.

RODRIGUES, S. Aula 4: linguagem: significado e funções. *In*: BARRETO, C. C. (org.) *et al.* **Planejamento e elaboração de material didático impresso para educação a distância**. Rio de Janeiro: Fundação CECIERJ, 2007. p. 74-90.

Pílula 14

BARRETO, C. C. Ajudando sua inspiração: modelos de atividades - parte 1. *In*: BARRETO, C. C. *et al.* (org.) **Planejamento e elaboração de material didático impresso para educação a distância**. Rio de Janeiro: Fundação CECIERJ, 2007. p. 149-180.

BARRETO, C. C. Ajudando sua inspiração: modelos de atividades - parte 2. *In*: BARRETO, C. C. *et al.* (org.) **Planejamento e elaboração de material didático impresso para educação a distância**. Rio de Janeiro: Fundação CECIERJ, 2007. p. 181-206.

Pílula 15

BARRETO, C. C. Ajudando sua inspiração: modelos de atividades - parte 1. *In*: BARRETO, C. C. *et al.* (org.) **Planejamento e elaboração de material didático impresso para educação a distância**. Rio de Janeiro: Fundação CECIERJ, 2007. p. 149-180.

BARRETO, C. C. Ajudando sua inspiração: modelos de atividades - parte 2. *In*: BARRETO, C. C. *et al.* (org.) **Planejamento e elaboração de material didático impresso para educação a distância**. Rio de Janeiro: Fundação CECIERJ, 2007. p. 181-206.

Pílula 16

FARIA, T. E. **Interatividade e mediação pedagógica na educação a distância**. 2002. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2002. Disponível em: <https://tede2.pucrs.br/tede2/handle/tede/3551#preview-link0>. Acesso em: 28 dez. 2022.

SILVA, M. (org.). **Educação online**: teorias, práticas, legislação, formação comparativa. São Paulo: Loyola, 2006.

Pílula 17

DWECK, C. **Mindset**: a nova psicologia do sucesso. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2017.

FERRAZ, R. Novos estudos mostram que a criatividade está, sim, ao alcance de todos. **Veja**, [São Paulo], 22 jul. 2022. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/comportamento/novos-estudos-mostram-que-a-criatividade-esta-sim-ao-alcance-de-todos/>. Acesso em: 17 mar. 2023.

ROBINSON, K. **Somos todos criativos**. São Paulo: Editora Benvirá, 2019.

Pílula 18

DELORS, J. *et al.* **Educação**: um tesouro a descobrir: relatório para a Unesco da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI: destaques. Brasília, DF: Unesco, jul. 2010. Disponível em: https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000109590_por. Acesso em: 17 mar. 2023.

FREGNI, E.; SILVA, A. **Estratégias educacionais**: teoria, motivação e métodos. São Paulo: Editora Reviews, 2020.

LECHNER, G. Educação a distância: uma discussão do século XXI. **EaD em Foco**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 2, 2015. DOI 10.18264/eadf.v5i2.217.

SOARES, R. C. R. G. Educação a distância: uma perspectiva para a educação do século XXI. **Revista Jurídica**, Curitiba, v. 3, n. 36, p. 132-149, dez. 2014. DOI 10.26668/revistajur.2316-753X.v3i36.994.

DISQUE
SAÚDE
136



MINISTÉRIO DA
SAÚDE

